

A motivação contra-hegemônica da Universidade Metodista de São Paulo*

The Methodist University of São Paulo's
counter-hegemonic motivation

La motivación contra-hegemónica de la Universidade
Metodista de São Paulo

JOSÉ MARQUES DE MELO



Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, fundou em 1978 o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, cuja coordenação exerceu nos períodos 1978-1984 e 1994-2001. Dirige atualmente a Cátedra Unesco-Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, a Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e a Rede Alfredo de Carvalho (2001-2008).

E-mail: marquesmelo@uol.com.br.

* Contribuição ao painel “Da comunicação popular à indústria midiática: a trajetória da Metodista”, evento integrante do XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação – Celacom 2008, promovido pela Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo, 5-7 de maio de 2008), tendo como tema “Pensamento comunicacional: vanguardas paulistas”.

MARQUES DE MELO, José. A motivação contra-hegemônica da Universidade Metodista de São Paulo. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 50, p. 13-25, 2. sem. 2008.

Resumo

A trajetória histórica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo tem sido caracterizada por atualizações estruturais determinadas por mudanças de conjuntura no cenário nacional. O propósito desta comunicação é fazer um inventário-síntese dos ajustes efetuados na sua identidade acadêmica, localizando-os nos contextos sociopolíticos que os motivaram institucionalmente.

Palavras-chave: Ciências da Comunicação – Pós-graduação – História – Brasil – São Bernardo do Campo.

Abstract

The historical trajectory of Methodist University of São Paulo's Graduate Program on Social Communication has been shaped by structural up to dating as a result of conjunctural changes in the national space. This paper intends to summarize the process of academic identity adjustment in accordance to the sociopolitical contexts behind its institutional policies.

Keywords: Communication Sciences – Graduate School – History – Brazil – São Bernardo do Campo City.

Resumen

La trayectoria del Programa de Postgrado en Comunicación Social de la Universidad Metodista de São Paulo espeja el proceso de actualización estructural que fue determinado por cambios de conyuntura a nivel nacional. La finalidad de esta ponencia es evaluar sumariamente los ajustes en su identidad académica como consecuencia de las políticas establecidas por la institución universitaria en que se ubica orgánicamente.

Palabras clave: Ciencias de la Comunicación – Estudios de postgrado – Historia – Brasil – São Bernardo do Campo.

Em termos de contexto e conjuntura, espaço e tempo são variáveis fundamentais para compreender a natureza das opções feitas historicamente pela Universidade Metodista de São Paulo para desenvolver estudos avançados na área de Comunicação Social.

Em seus trinta anos de existência, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PósCom), também conhecido como Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo, assumiu identidades peculiares que o distinguiram especialmente dos seus congêneres, embora sintonizadas com as demandas cognitivas do seu tempo¹.

A primeira fase (1978-1994), circunscrita ao mestrado, foi caracterizada pela hegemonia da *comunicação popular* nas atividades cotidianas de ensino e pesquisa. Na segunda fase (1995-2008), integrando mestrado e doutorado, o foco investigativo tem sido canalizado para o desvendamento dos processos comunicacionais acionados pela *indústria midiática*. Atualmente, o colegiado acadêmico está empenhado em redefinir nossas linhas de pesquisa, prevalecendo a tendência de atualização histórica. Sem renunciar às identidades conjunturais, estamos em busca de convergências temáticas, de modo a garantir o pluralismo teórico e a diversidade metodológica, conscientes da nossa vocação vanguardista para ousar intelectualmente, mesmo situados na periferia do capitalismo.

¹ “Em hipótese alguma pretendemos nos transformar num grupo sectário. [...] não acreditamos que o melhor caminho para a formação de uma consciência brasileira da comunicação social seja a ignorância do que se passa em outras partes do mundo. Vai enorme distância entre copiar e tomar conhecimento do que se faz, pensa e diz alhures” (C&S, n. 1, p. 3).

“República de São Bernardo”

Quando surgiu, em 1978, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social do então Instituto Metodista de Ensino Superior, hoje Universidade Metodista de São Paulo, defrontava-se com dois cenários acadêmicos, incrustados num panorama político singular. Sua personalidade foi moldada em função desses fatores conjunturais.

Cenário 1

A pós-graduação em Comunicação Social encontrava-se em processo embrionário. A reforma universitária instituída pelo regime militar (OLIVEIRA, 1995) introduziu o *mestrado* como grau intermediário entre o *bacharelado* e o *doutorado*. Assim sendo, os pioneiros programas de *doutorado* criados pelas universidades de Brasília (1964) e de São Paulo (1967), nas respectivas faculdades de Comunicação, deram lugar a programas novos, inicialmente restritos ao mestrado – USP (1972) e UnB (1974) –, que se agregaram aos congêneres fundados na UFRJ (1972) e na PUC-SP (1980)². Todos os cursos precedentes tinham fisionomia interdisciplinar, embora privilegiassem interações reconhecíveis – a USP, com as Ciências Sociais; a UFRJ, com as Ciências Cognitivas; a UnB, com as Ciências do Comportamento; e a PUC-SP, com as Ciências da Linguagem. A Metodista de São Paulo buscou ancoragem nas ciências aplicadas ao desenvolvimento, especialmente local e comunitário³.

Cenário 2

A área de Comunicação Social expandia-se rapidamente em todo o País, necessitando de professores qualificados para a gra-

² “O curso da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo”, existente como mestrado desde 1970, mas “tido no início como de teoria literária (...) foi, em 1980, arrolado entre os cursos de Comunicação Social”, quando instituiu o doutorado, “por determinação dos consultores da Capes” (CNPq, 1982, p. 428).

³ Essa opção ancorou-se em parte na recomendação feita pela Capes, que, no ano anterior, promovera um encontro dedicado ao tema “Pós-Graduação em Comunicação: definições, prioridades e critérios”, indicando a “comunicação para o desenvolvimento” como linha de pesquisa a ser incentivada no País (CNPq, 1982, p. 429).

duação, demanda não priorizada pelos cursos de pós-graduação já existentes, mais preocupados com a formação de pesquisadores ou profissionais de ponta. Foi natural que a Metodista optasse pela ênfase em “metodologia da comunicação”, entendida duplamente – como “ensino” (reprodução do saber instituído) e como “extensão” (divulgação do conhecimento novo).

Panorama

A intervenção que os militares desencadearam em 1964 para controlar o aparato estatal radicalizou-se em 1968. Com o “golpe dentro do golpe”, simbolizado pela edição do AI-5, a nação brasileira padecia danos irreversíveis. O sufoco da vida política paralisou a sociedade civil. Pouco a pouco, porém, os movimentos populares produziram reações em cadeia (SKIDMORE, 1988). A liderança coube aos sindicatos representativos do setor moderno da economia nacional, como é o caso da indústria automotiva. Abrigando o sindicato dos metalúrgicos do ABC Paulista, São Bernardo do Campo converteu-se em pólo de atenção midiática, principalmente no contexto das greves operárias que abalaram a estrutura cambaleante do regime militar (SILVA, 1981).

Foi nesse ambiente politicamente fértil que se instalou, em 1978, o segundo programa de pós-graduação em Comunicação do Estado de São Paulo. Precedido pelo pioneiro programa da USP, fundado em 1967 (doutorado concebido segundo o velho modelo europeu) e reformulado em 1972 (quando foi assimilado o novo modelo americano, instituindo o mestrado como requisito prévio para o doutorado), o curso da Metodista buscou construir sua própria identidade acadêmica. Assumiu uma linha distinta da do curso da USP (cuja matriz interdisciplinar o atrelava ao universo da pesquisa básica), bem como do emergente curso da PUC-SP (que, ao instituir o doutorado, em 1978, abandona sua vinculação histórica aos estudos literários, adotando a semiótica como método de análise dos fenômenos culturais, inclusive aqueles situados no âmbito da cultura de massas).

Sob o signo da “República de São Bernardo”, a Metodista procurou inovar, enveredando pelo caminho da pesquisa apli-

cada⁴. O momento era propício às ousadias vanguardistas, mesmo tendo a instituição consciência da localização geopolítica na periferia do capitalismo (RATNER, 1979).

Capital-trabalho

A estrutura do mestrado em Comunicação Social refletiu a filosofia vigente na instituição, cuja natureza dupla, confessional e comunitária, a estimulava a assumir explícito compromisso com a região onde estava localizada. Naquela conjuntura, as evidências socioculturais legitimavam demandas comunicacionais de dupla face: de um lado, a comunicação empresarial, capacitando os gestores industriais a lograr maior interação com os trabalhadores, no sentido de prevenir paralisações na linha de produção, com efeitos inevitáveis na economia; do outro lado, a comunicação sindical, demandando novas formas de mobilização do operariado, consciente do seu poder de barganha, mas temeroso da repressão patronal, usualmente amparada pelo poder judiciário e executada pelo braço policial do estado burguês.

Na tentativa de manter sintonia com as necessidades cognitivas da comunidade regional, a instituição promoveu uma “Semana de cultura operária”, em 1978, e um “Colóquio sobre comunicação e cultura operária”, em 1979, dialogando pedagogicamente com as lideranças empresariais e sindicais. Tais encontros motivaram reflexões críticas sobre o conhecimento acumulado pela academia a propósito das relações capital-trabalho na sociedade brasileira, ensejando também o inventário das alternativas comunicacionais vivenciadas pelas sociedades latino-americanas.

Foi a partir desses diagnósticos que orientamos o nosso intercâmbio internacional. A área de concentração em Comunicação Empresarial beneficiou-se com as idéias trazidas pelo norte-americano John Wicklein (Boston University), que aqui

⁴ “A identidade do curso emergiu espontaneamente e foi se delineando na rica interação entre docentes e discentes, afetados sem dúvida pelo momento histórico que vive o Brasil nessa expectativa de reencontrar a democracia. [...] Os acontecimentos protagonizados pelo povo brasileiro tiveram atores especiais e palcos privilegiados, como foi o caso dos operários e sindicatos metalúrgicos do ABC” (MARQUES DE MELO, 1983, p. 141).

esteve em 1979 lecionando sobre as novas tecnologias de comunicação. Por sua vez, a área de Comunicação Popular ganhou fôlego quando Armand Mattelart e Francisco Gutierrez nos visitaram em 1981, ministrando concorridos seminários sobre a democratização da comunicação no Terceiro Mundo e a pedagogia da comunicação libertadora.

As primeiras dissertações defendidas pelos mestrandos refletem o dualismo temático que esteve na gênese do nosso programa. Enquanto Cíclia Peruzzo, em 1981, analisava as relações públicas no modo de produção capitalista, sob a ótica do trabalho (PERUZZO, 1983, 2006), Helga Schulten, em 1982, privilegiava a gênese das relações públicas no capitalismo selvagem, adotando o ponto de vista do capital (SCHULTEN, 1983). A mesma comparação pode ser feita através do contraste ensejado pelas perspectivas investigativas de Gerson Moreira Lima, em 1982, observando criticamente a “releasmania” como estratégia empresarial destinada à construção de imagem pública (LIMA, 1983), e de Antonio de Andrade, em 1982, pesquisando enfaticamente o efeito das campanhas ambientais numa comunidade regional que se comportava de acordo com os interesses da cidadania (ANDRADE, 1983).

Abertura lenta e gradual

A anistia política de 1979 sinalizou o esgotamento do ciclo militar (FERNANDES, 1982) e a conseqüente retomada da normalidade democrática (CARDOSO, 1975). Apesar de “lenta e gradual”, a abertura política ensejou mudanças no cenário nacional (MOISÉS, 1982) que afetariam sensivelmente a fisionomia do nosso programa.

Se foi possível diversificar o corpo docente, majoritariamente composto por docentes titulados no País, contratando pesquisadores motivados a retornar ao País, como, Fernando Perrone (França), Paulo José Krischke (Estados Unidos) e Onésimo de Oliveira Cardoso (Alemanha), também ocorreu o retorno à universidade pública daqueles docentes perseguidos pelo regime militar. Esse caminho de volta foi percorrido por pesquisadores originários da USP, como Egon Schaden e José Marques de Melo.

O alunado mudou completamente. O número de candidatos da própria região estacionou ou regrediu, sendo compensado pela afluência de jovens recém-formados, aspirantes à carreira docente, e de profissionais vinculados ao setor público, que desejavam atuar como comunicadores especializados. Diante dessa contingência, o programa atualizou suas áreas de concentração, dando ênfase à “pedagogia da comunicação” e à “popularização do saber”. A primeira foi organizada para atender aos bolsistas do Programa Institucional de Capacitação Docente (PICD), do Ministério da Educação. A segunda resultou dos acordos de cooperação assinados com a Embrapa e o CNPq.

A revista *Comunicação & Sociedade*, circulando semestralmente, espelha com nitidez essa transição de conteúdos lecionados e de objetos pesquisados⁵. Na primeira fase predominam os artigos sobre comunicação alternativa e cultura popular, ambientados no espaço latino-americano. A segunda fase reflete a ênfase atribuída aos processos comunicacionais protagonizados em território brasileiro, valorizando a ciência e a tecnologia, o meio ambiente, a ética e a cultura, dentro de um quadro emoldurado pela globalização.

Salto qualitativo

Embora desfrutando prestígio nacional e reconhecimento internacional, o que se refletia na composição do alunado, incluindo estudantes de todo o País e de países lusófonos e latino-americanos, o programa da Metodista enfrenta, no início dos anos 1990, a ampliação da rede nacional de pós-graduação. O aparecimento de cursos congêneres no Sul e no Nordeste, bem como no interior de São Paulo, induz a uma revisão das estratégias de ensino e pesquisa. A comunicação contra-hegemônica ganha intensidade nos planos de estudos dos novos programas, cessando o fluxo de candidatos forâneos. Da mesma forma, os pretendentes a vagas no mestrado já não mais priorizam a atuação no terceiro setor, buscando oportunidades de reciclagem para disputar o mercado de trabalho nas empresas midiáticas.

⁵ Waldemar L. Kunsch (2003), por ocasião da publicação do n. 25 (2. sem. 2003), inventariou historicamente o papel desempenhado pela revista *Comunicação & Sociedade* para o fortalecimento do programa de pós-graduação da Metodista.

Durante o processo de transformação da Metodista em universidade (BITTENCOURT, 1999), a equipe dirigente toma a decisão política de fomentar o doutorado (PESSINATTI, 2003), respaldando o salto qualitativo do programa de Comunicação Social. Sinais eficazes para expressar a opção pela mudança se materializam na regularização da periodicidade da revista *Comunicação & Sociedade*, contando inicialmente com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), bem como na instalação da Cátedra Unesco-Methodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional.

O ano 1994 constitui um divisor de águas, significando a busca de uma nova identidade, sem recusar a trajetória percorrida até aquele momento. Dois indicadores evidenciam a construção do novo projeto, dando continuidade à linha de pensamento que distinguia o nosso programa dos similares existentes no País, porém redirecionando o foco dos estudos para o campo midiático, numa perspectiva glocalizada⁶. As edições monográficas da revista *Comunicação & Sociedade* referentes ao primeiro biênio da fase de ajuste – 1994-1995 – dão conta do segundo aspecto, ou seja, a reativagem investigativa: novas tecnologias, indústria audiovisual, televisão e inter-relações geopolíticas. O primeiro aspecto, ou seja, a fidelidade à linha de pensamento que constituiu a razão de ser do programa, encontra-se bem enunciado nos temas que galvanizam as edições correspondentes ao biênio seguinte ao funcionamento do doutorado – 1995-1996: pensamento latino-americano em comunicação, jornalismo e memória, comunicação política e mídia eletrônica.

As duas vertentes confluem dialeticamente na celebração dos vinte anos do programa (1998), quando as primeiras turmas de doutorandos assumem publicamente o orgulho intelectual de pertencer ao Grupo de São Bernardo do Campo. Evidência disso é a contribuição oferecida para resgatar a memória das

⁶ “Com a mudança ocorrida no cenário mundial, o programa, durante os anos 1990, buscou ajustar-se às novas necessidades globais. Para tanto, tornou-se necessário repensar a identidade do curso, em vista dessa moldura inovadora, dos personagens diversificados e também em função das demandas da própria sociedade” (Gonçalves, 2003, p. 114).

idéias disseminadas pelas duas gerações docentes aqui atuantes: os germinadores e os atualizadores (GOBBI, 2003; SANTOS, 2003; GONÇALVES, 2003). A antologia *Pensamento comunicacional brasileiro: o Grupo de São Bernardo* (MARQUES DE MELO; CASTELO BRANCO, 1998) contém farto documentário da nossa linha teórica.

No plano empírico, o Grupo de São Bernardo do Campo deu mostra suficiente de sua vitalidade e entusiasmo, ao participar voluntariamente dos projetos de pesquisa que deram credibilidade institucional à Cátedra Unesco de Comunicação, atuando como unidade de pesquisa capaz de catalisar o potencial acadêmico dos alunos e ex-alunos do nosso programa de pós-graduação⁷. Refiro-me às pesquisas de campo realizadas no apagar das luzes do século XX, cujos resultados foram enfeixados em livros comemorativos do vigésimo aniversário do nosso programa: *Identidade da imprensa brasileira no final do século* (MARQUES DE MELO; QUEIROZ, 1998) e *De Belém a Bagé: imagens midiáticas do Natal brasileiro* (MARQUES DE MELO; KUNSCH, 1998).

Naquele momento, os docentes permanentes do programa socializaram seus projetos de pesquisa para o triênio 1998-2001, agrupados em duas linhas de pesquisa: estudos midiáticos e comunicação científica. Esses relatos estão disponíveis para consulta na edição n. 30 (1998) da revista *Comunicação & Sociedade*.

Finalizando, vale a pena reproduzir o perfil acadêmico do nosso corpo docente naquela conjuntura (MARQUES DE MELO; CASTELO BRANCO, 1998, p. 626-627):

Sua origem acadêmica reflete a tendência nacional observada na composição da comunidade [...] das Ciências da Comunicação. A maioria revela identidade comunicacional, tendo buscado formação progressiva na própria área [...], embora tenha mantido o diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento. [...]

Destaca-se como uma equipe intelectualmente motivada, com significativo índice de produtividade acadêmica. Nos últimos cinco anos, a média anual do grupo tem sido de 11,8 publicações por pesquisa-

⁷ O balanço crítico dessas iniciativas da Cátedra Unesco foi realizado por Adolpho Queiroz (2003), destacando as contribuições no plano internacional.

dor. O grupo atua, simultaneamente, em duas áreas de difusão científica. Por um lado, dissemina os resultados da sua pesquisa através dos veículos convencionais em que se nutrem os professores e pesquisadores para se manter atualizados em relação aos avanços da ciência, arte ou tecnologia, ou seja, livros, periódicos e anais de congressos. Nesse segmento, sua produção é de 23 artigos/ano, o que corresponde a dois artigos/pesquisador publicados anualmente em revistas científicas; catorze trabalhos/ano publicados em anais de congressos, o que corresponde a 1,2 comunicação científica que cada pesquisador logra inscrever em reuniões às quais comparecem seus pares acadêmicos; e oito livros/ano [...], representando a média de 0,6 livro/docente. Por outro lado, está fortemente empenhado em divulgar o conhecimento novo, transformando-o em artigos veiculados por jornais e revistas [...]. Essa produção totaliza 196 artigos/ano, distribuídos pelo conjunto dos pesquisadores, cada um deles responsável pela publicação anual de oito artigos.

A tendência dessa produção é crescer no próximo quinquênio, tendo em vista as melhores condições em que trabalham na Universidade: onze dos treze professores estão contratados em regime de tempo integral. Isso lhes permite desenvolver projetos de pesquisa que se converterão naturalmente em produtos a serem difundidos, inicialmente em periódicos científicos e depois reescritos em linguagem comum para divulgação na mídia massiva ou segmentada.

Esse clima de produtividade e cooperação intelectual permaneceu vigente até 2001⁸, quando entrou em vigor a nova estrutura que a reitoria da Metodista estabeleceu para a área de Comunicação, criando três faculdades autônomas e vinculando o programa de pós-graduação à Faculdade de Comunicação Multimídia (PECORARO, 2000). O nosso colegiado docente iniciou imediata reflexão sobre os desafios do novo século. Mas essa tentativa de encontrar rumos a seguir será explicada, no artigo seguinte, por Sebastião Squirra, que, desde então, vem conduzindo o processo de atualização histórica do programa da Metodista.

⁸ Para compreender esse período de transição, torna-se elucidativo o estudo sobre as teses de doutorado e as dissertações de mestrado defendidas no quinquênio 1998-2002 feito por Anamaria Fadul (2003).

Referências e bibliografia consultada

ANDRADE, A.de. Imprensa e poluição do ar. *Cadernos de Pós-Graduação: Comunicação Social*, São Bernardo do Campo, IMS, n. 2, p. 39-44, 1983.

BITTENCOURT, B. P. *As origens da Umesp*. São Bernardo do Campo: Metodista, 1999.

CARDOSO, F. H. *Autocracia e democratização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

CNPq. *Avaliação & perspectivas*. Brasília: Seplan, 1982.

C&S – Revista Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 1 (1979), n. 30 (1998) e n. 40 (2003).

FADUL, A. Matrizes comunicacionais: taxionomia de teses e dissertações – 1998-2002. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 40, p. 95-108, 2003.

FERNANDES, F. *A ditadura em questão*. São Paulo: TAQ, 1982.

GOBBI, M. C. Ampliando fronteiras: cartografia dos ex-alunos do Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 40, p. 55-72, 2003.

GONÇALVES, E. M. Discípulos do Grupo de São Bernardo do Campo: avaliação de uma experiência acadêmica. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 36, p. 13-32, 2001.

_____. Pluralismo acadêmico: radiografia do discurso germinador do Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 40, p. 11-20, 2003.

KUNSCH, W. L. Comunicação & Sociedade: 25 anos disseminando as idéias do Grupo de São Bernardo do Campo (2. sem. 1979-2. sem. 2003). *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 40, p. 147-186, 2003.

LIMA, G. M. Releasmania. *Cadernos de Pós-Graduação: Comunicação Social*, São Bernardo do Campo, IMS, n. 2, p. 19-24, 1983.

MARQUES DE MELO, J. Grupos comunicacionais brasileiros: o Grupo de São Bernardo. In: *História do pensamento comunicacional*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 272-287.

_____. Da comunicação popular à popularização da ciência. In: _____. (org.) *Pesquisa em comunicação no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1983. p. 139-151.

_____; CASTELO BRANCO, S. (orgs.). *Pensamento comunicacional brasileiro: o Grupo de São Bernardo*. São Bernardo do Campo: Metodista, 1998.

_____; QUEIROZ, A. (orgs.). *Identidade da imprensa brasileira no final de século*: das estratégias comunicacionais aos enraizamentos e às ancoragens culturais. [Prefácio e introdução de José Marques de Melo. Texto analítico-descritivo de Waldemar L. Kunsch e Rosângela Zomignan]. São Bernardo do Campo: Metodista, 1998.

_____; KUNSCH, W. L.. (orgs.). *De Belém a Bagé*: imagens midiáticas do Natal brasileiro. São Bernardo do Campo: Metodista, 1998.

MOISÉS, J. A. et al. *Alternativas populares da democracia*: Brasil, anos 80. Petrópolis: Vozes, 1982.

OLIVEIRA, F. B. de. *Pós-graduação*: educação e mercado de trabalho. Campinas: Papirus, 1995.

QUEIROZ, A. Projeção internacional: ação da Cátedra Unesco-Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 40, p. 135-146, 2003.

PECORARO, K. F. Umesp reestrutura área de comunicação. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 33, p. 283, 2000.

PERUZZO, C. M. K. Relações públicas: da essência à aparência. *Cadernos de Pós-Graduação: Comunicação Social*, São Bernardo do Campo, IMS, n. 2, p. 7-12, 1983.

_____. Tempo de ousadia: reminiscências da primeira mestre. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 40, p. 21-38, 2003.

PESSINATTI, N. Inovações em processo: lembranças do primeiro doutor. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 40, p. 39-54, 2003.

RATTNER, H. *Brasil 1990: caminhos alternativos do desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SANTOS, M. dos. Otimizando competências: discípulos que se tornaram mestres. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, Metodista, n. 40, p. 95-108, 2003.

SCHULTEN, H. Ivy Lee: o artífice das relações públicas. *Cadernos de Pós-Graduação: Comunicação Social*, São Bernardo do Campo, IMS, n. 2, p. 13-18, 1983.

SILVA, Luis Inácio da. *Lula: entrevistas e discursos*. Guarulhos: O Repórter, 1981.

SKIDMORE, Th. *Brasil*: de Castelo a Tancredo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.